

A Marquesa do Ipiranga

São dezessete horas de um dia quente e abafado, entro no ônibus lotado com meu filho. Atrás de mim entram um jovem ouvindo música alta, um bêbado cambaleando e uma mulher com uma criança no colo e as sacolas de compra em outra mão; entalo na roleta do ônibus devido ao peso de minha obesidade. O cobrador se levanta e fala:

_ Pessoal, dá um passinho para trás, por favor!

O ônibus para e um idoso sobe; um homem dorme com a boca aberta enquanto uma velhinha agarra com força a sua bolsa; alguém esqueceu um guarda-chuva no corrimão dos fundos; um odor forte invade o ar, uma mistura de desodorante, suor, gases humanos e sintéticos. Por sorte, me sento próximo à janelinha. O ônibus para novamente, é o congestionamento típico de final de tarde. Olho para fora, vejo que estamos situados na Rua Bom Pastor, próximo à entrada do Museu do Ipiranga. As vegetações frontais impedem que eu enxergue o estilo arquitetônico do Palácio Renascentista; fecho os olhos, e por um momento, não existe mais ninguém, apenas eu e o museu...

Ano de 1822, eu, a marquesa do Ipiranga, uso um vestido no estilo rococó azul e branco adornado com armações, babados, bordado com fios de ouro, amarrações e flores artificiais; um corpete apertado dá volume e mostra a parte superior de meus seios enquanto os espartilhos deixam minha silueta mais fina. Meus cabelos possuem cachos que caem pela lateral do meu ombro e tenho uma tiara revestida de pérolas e diamantes. Subo os degraus do palácio de braços dados com o próprio D. Pedro I, pouco após o Grito da Independência. No caminho, encontro um Bandeirante, dizendo que a Escadaria representa o Rio Tiete e que esta o levará ao interior do país; disse também

que os corrimões da escada são os rios Paraná, Paranapanema, Uruguai e Amazonas; a pressa era porque se preparava para o Ciclo da Caça aos Índios, ao Ouro e a Conquista do Amazonas; saiu sem se despedir.

Entro no castelo, a extensa área interna é sustentada por pilastras grandes e fortes, lustres de cobre e cristais descem do teto iluminando o ambiente, batentes em forma de arco exibem guarnições de madeiras artesanalmente esculpidas. Encontro Pedro Américo preparando as tintas para o quadro Independência ou Morte. Em outro lado do salão, sentados em poltronas de mogno escurecidos, Rapozo Tavares e Fernando Dias Paes conversam distraidamente. Fernando Dias levanta-se, cuspe na escarradeira de porcelana, sinal de elegância, e me entrega um colar feito com as primeiras esmeraldas que encontrou no Brasil. O presente me deixa envaidecida e torna minha beleza ainda mais radiante.

_Mãe, mãe, acorda, chegamos! Desço do ônibus de mãos dadas com meu filho e desapareço entre a multidão da Avenida Paulista.